



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS INGLÊS E LITERATURAS

**ANELLE ARIANNE PEREIRA DE ALMEIDA**

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A PERSONALIDADE SOMBRIA DE  
WILLIAM WILSON E LIGHT YAGAMI**

CAXIAS - MA

2024

**ANELLE ARIANNE PEREIRA DE ALMEIDA**

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A PERSONALIDADE SOMBRIA DE  
WILLIAM WILSON E LIGHT YAGAMI**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Letras  
Português, Inglês e Literaturas, da  
Universidade Estadual do Maranhão –  
UEMA, *Campus Caxias*.

Orientadora: Profa. Ma. Vilma Rodrigues  
Mascarenhas.

CAXIAS - MA

2024

A444u Almeida, Anelle Arianne Pereira de

Um estudo comparado sobre a personalidade sombria de William Wilson e Light Yagami / Anelle Arianne Pereira de Almeida. Caxias: Campus Caxias, 2024.

51f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras Português, Inglês e Literaturas.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas.

1. Literatura comparada. 2. Personalidade sombria. 3. William Wilson. 4. Light Yagami. I. Título.

CDU 82.091

**ANELLE ARIANNE PEREIRA DE ALMEIDA**

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A PERSONALIDADE SOMBRIA DE  
WILLIAM WILSON E LIGHT YAGAMI**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Letras  
Português, Inglês e Literaturas, da  
Universidade Estadual do Maranhão –  
UEMA, *Campus Caxias*.

Orientadora: Profa. Ma. Vilma Rodrigues  
Mascarenhas.

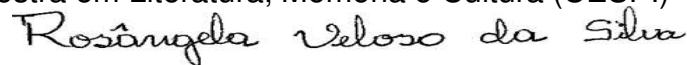
Aprovado em: 19 /08 /2024.

BANCA EXAMINADORA



---

**Profa. Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas (Orientadora)**  
Mestra em Literatura, Memória e Cultura (UESPI)



---

**Profa. Ma. Rosângela Veloso da Silva (CESC/UEMA)**  
Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)



---

**Prof. Dr. Evaldino Canuto de Souza (CESC/UEMA)**  
Doutor em Linguística (UFRJ)

Primeiramente ao nosso senhor Deus, pois a Ele é dada toda honra e toda glória e nada disso seria possível. Aos meus pais e minha irmã por todo o apoio e incentivo. Aos meus familiares, e aos meus amigos que me acompanharam nessa jornada durante todos esses anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Senhor, por me proteger e me guiar nesta caminhada, pela força e sabedoria concedidas a mim.

Aos meus pais, por todo o carinho, amor e apoio prestados, pois acredito que nossa família é a base de tudo, e é através dela que Deus nos proporciona toda a força e amor que necessitamos.

À minha irmã, por todo o auxílio e incentivo durante essa jornada e por acreditar que tudo daria certo.

E, por fim, agradeço à minha querida orientadora Vilma Rodrigues Mascarenhas pela dedicação, competência, carinho, paciência e por todos os conhecimentos repassados.

Muito Obrigada a todos!

## RESUMO

Quando pesquisamos sobre os estudos de Literatura Comparada, podemos refletir que não se trata de algo recente. Tal método teve sua gênese na França por volta do ano de 1830, quando a Literatura Francesa estava em seu momento de ascensão e com certo destaque em relação às outras manifestações literárias. Para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico em que, inicialmente, foi feito um levantamento sobre a personalidade sombria de personagens na literatura. Para tal investigação, selecionamos o conto "William Wilson" (1834) do notório escritor estadunidense Edgar Allan Poe, considerado o inventor do gênero ficção policial e conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e o macabro. Assim, trazemos o estudo comparado com o personagem Light Yagami, que sofre do mesmo transtorno na série japonesa, o anime "Death Note" (2006), de Tsugumi Ohba. Destacando as semelhanças de personalidade entre William Wilson e Light Yagami, é possível perceber em Kira características narcisistas, assim como no personagem do conto de Edgar Allan Poe. Diante do exposto, pode-se concluir sobre a importância e relevância dos estudos acerca da temática, especialmente no mundo literário. Tais estudos são uma porta de entrada para a reflexão sobre a conduta humana e os limites do ser humano.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Personalidade Sombria; William Wilson; *Light Yagami*.

## **ABSTRACT**

When we look into Comparative Literature studies, we can see that it is not something recent. This method originated in France around 1830, when French literature was on the rise and had a certain prominence over others. For the preparation of this work, bibliographical research was carried out in which a survey was initially made of the dark personality of characters in literature. For this investigation, we selected the short story William Wilson (1834) by the notorious American writer Edgar Allan Poe, considered the inventor of the detective fiction genre and known for his stories involving mystery and the macabre. Thus, we bring the comparative study with the character Light Yagami who suffers from the same disorder in the Japanese series, the anime Death Note (2006), by Tsugumi Ohba. Highlighting the similarities in personality between William Wilson and Light Yagami, it is possible to see narcissistic characteristics in Kira, just like in the character in the short story. In view of the above, we can conclude on the importance and relevance of studies on the subject, especially in the literary world. Such studies are a gateway to reflection on human conduct and the limits of the human being.

**Keywords:** Comparative Literature; Dark Personality; William Wilson; Light Yagami.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Poster da série japonesa <i>Death Note</i> .....	33
Figura 2- Revelação da identidade de William Wilson .....	41
Figura 3- A morte de William Wilson .....	42
Figura 4- Light Yagami e Ryuuk... ..	44
Figura 5- Kira escrevendo no Death Note.....	45
Figura 6- Light em seu momento triunfante .....	46
Figura 7- Light Yagami em seu momento de êxtase.....	46
Figura 8- Morte de Light Yagami... ..	47

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 A PERSONALIDADE SOMBRIA NA LITERATURA</b> .....	13
<b>3 A VISÃO PSICANALÍTICA DO DUPLO “EU” E A TRÍADE SOMBRIA</b> ... ..	20
<b>4 ANÁLISE COMPARATIVA DA PERSONALIDADE SOMBRIA DE WILLIAM WILSON E LIGHT YAGAMI</b> .....	27
4.1 William Wilson: O conto.....	27
4.2 Death Note anime.....	31
4.3 <i>William Wilson &amp; Light Yagami</i> : Uma análise da personalidade sombria dos personagens... ..	35
<b>5 CONCLUSÃO</b> ... ..	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pesquisamos sobre os estudos de Literatura Comparada, podemos refletir que não se trata de algo recente. Esse método teve sua gênese na França por volta do ano de 1830, quando a Literatura Francesa estava em ascensão e com certo destaque em relação às outras. No mesmo período, o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) utilizou o termo *Weltliteratur*, que significa Literatura Mundial, pois, em sua opinião, a tradução é uma “porta de entrada” para o surgimento de diversas literaturas, tanto nacionais quanto regionais (Figueiredo; Faedrich, 2016).

Atualmente, Literatura Comparada e Literatura mundial, embora não sejam sinônimas, são usadas para designar os estudos de autores do mundo todo, independentemente da língua em que escreveram. A perspectiva comparatista é que vai definir a diferença entre elas (Figueiredo; Faedrich, 2016, p. 09).

No Brasil, a década de 1980 foi crucial para o surgimento da literatura comparada, especialmente para o seu estatuto institucional. Em 1986, foi criada em Porto Alegre a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) por meio do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada. Em 1988, também no Rio Grande do Sul, ocorreu o I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, e na mesma época, a Universidade Federal de Minas Gerais recebeu dois simpósios voltados para a literatura comparada. Com isso, é possível perceber a importância desses eventos para a consolidação da literatura comparada no Brasil (Machado, 2009).

É por meio da perspectiva dos estudos comparados que o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar a ocorrência da personalidade sombria dos personagens William Wilson, no conto de Edgar Allan Poe (1834), e Light Yagami, no anime Death Note (2006), de Tsugumi Ohba. Para isso, priorizamos os seguintes objetivos específicos: descrever os aspectos da personalidade sombria existentes em personagens literários; identificar os elementos da personalidade sombria presentes nos personagens William Wilson e Light Yagami;

e, por último, comparar esses elementos da personalidade sombria nos personagens William Wilson e Light Yagami.

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que inicialmente fez um levantamento sobre a personalidade sombria de personagens na literatura. Nesse âmbito, serão abordadas a visão psicanalítica do duplo "eu" e a tríade sombria. Além disso, serão feitas algumas considerações sobre os animes e sua relação com a literatura, é realizada uma análise comparativa da personalidade sombria nos personagens William Wilson e Light Yagami.

Para o efetivo êxito do estudo, este trabalho buscará responder às seguintes questões que norteiam a pesquisa: Quais aspectos da personalidade sombria existem nos personagens? Quais elementos de personalidade sombria estão presentes nos personagens William Wilson, no conto de Edgar Allan Poe, e Light Yagami, na série japonesa *Death Note*? Quais diferenças e semelhanças na personalidade sombria podem ser identificadas nos personagens William Wilson e Light Yagami?

Com base nesses questionamentos, pesquisas epidemiológicas mostram que cerca de 9 a 15% da população adulta apresenta pelo menos um transtorno de personalidade. Tais estudos apontam, ainda, que 4 a 12% da população apresenta algum diagnóstico relacionado a esses transtornos. Esses dados podem ser ainda maiores, considerando manifestações mais brandas e variações sócio-demográficas (Mazer; Macedo; Jurena, 2017).

Os transtornos de personalidade são abordados em diversos meios de consumo humano, como filmes, livros, músicas e *podcasts*. Nesta pesquisa, analisaremos a dupla personalidade, que configura um transtorno dissociativo caracterizado por dois ou mais estados de personalidade (também chamados alter egos ou estados do eu) que se alternam com a incapacidade de recordar eventos diários, informações pessoais importantes e/ou eventos traumáticos.

Para tal investigação, selecionamos o conto William Wilson (1834) do renomado escritor estadunidense Edgar Allan Poe, considerado o inventor do gênero ficção policial e conhecido por suas histórias que envolvem mistério e o macabro. Assim, faremos um estudo comparado com o personagem Light Yagami, que sofre do mesmo transtorno na série japonesa *Death Note* (2006), de Tsugumi Ohba. Diante disso, e visando a relevância do estudo comparativo desse transtorno para o curso de Letras, o trabalho será desenvolvido com base na questão problematizadora: de que

forma ocorre a personalidade sombria nos personagens William Wilson, no conto de Edgar Allan Poe, e em Light Yagami, na série japonesa Death Note?

O presente trabalho tem como justificativa a contribuição para os estudos literários e cinematográficos, enriquecendo o conhecimento acerca da construção psicanalítica desses personagens das narrativas, sob a ótica da literatura comparada em temáticas recorrentes em algumas obras.

A presença de personagens com identidades sombrias vem se tornando frequente na cultura popular, permitindo refletir sobre certos aspectos da nossa sociedade e oferecer uma percepção sobre o bem e o mal. Diante do exposto, a pesquisa se justifica pela contribuição de um estudo comparado dos transtornos dissociativos na perspectiva dos estudos literários.

## 2 A PERSONALIDADE SOMBRIA NA LITERATURA

A busca constante pela compreensão do comportamento do outro não é algo atual, quer seja pela procura de si mesmo, ou por outros motivos que muitas vezes são difíceis de definir. Percebe-se que a caracterização do ser humano tem sido alvo de estudos ao longo dos anos, o que reforça a importância da temática (De Moura Fé, 2021).

Um exemplo clássico se trata da leitura da mão, que antigamente, de acordo com a crença, era possível traçar a personalidade humana, e até mesmo seu caráter. Hipócrates também tinha sua crença, em que se baseava no formato do corpo humano, e que este poderia revelar alguns traços da personalidade. Enquanto Aristóteles chegou a cogitar que pessoas com o nariz pontudo era sinônimo de irritabilidade, já pessoas com nariz mais curvo (semelhante ao de uma águia), apresentam personalidade e caráter parecidos com o da ave (De Moura Fé, 2021).

Os seguidores de Hipócrates tiveram um favorecimento com o surgimento da teoria dos quatro humores no que diz respeito aos fundamentos que caracterizam a personalidade humana em pessoas coléricas, fleumáticas, sanguíneas e melancólicas, cerca de quatro séculos antes de Cristo. Essa teoria serviu de inspiração para o filósofo Teofrasto, sucessor de Aristóteles, para a produção de *Caracteres* (1999) em uma das tentativas de definir a personalidade. Tais tentativas se estenderam para outros estudiosos, sendo retomada no século XVIII por meio do neuroanatomista Gall, que relacionou o tamanho, o formato e as protuberâncias do crânio com o temperamento do ser humano (De Moura Fé, 2021).

O psiquiatra, criminologista, cirurgião e cientista César Lombroso, defendeu, na segunda metade do século XIX, a ideia de que a configuração física das pessoas está relacionada com a criminalidade e com a concepção do “criminoso nato”. Lombroso chegou a fazer uma descrição de estupradores (nome criado por ele) os caracterizando da seguinte forma:

Pouca altura com um peso relativamente elevado, mãos e braços curtos, fronte estreita, semicircunferência anterior da cabeça muito curta, anomalias frequentes dos órgãos genitais e do nariz e, quase sempre, inteligência pouco desenvolvida (De Moura Fé, 2021, p. 3).

E, ainda, “fisionomia bestial e cínica, paixão pelo jogo, lábios espessos, cabelo abundante e negro, a voz rouca” (De Moura Fé, 2021, p. 3). Na mesma época, o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing fez um esboço do perfil de pedófilos, sendo que estes apresentam: “falta de virilidade, caráter de desonestidade, e muitas vezes falta de inteligência e impotência” (De Moura Fé, 2021, p. 3).

Como descrito pelo psiquiatra alemão Kurt Schneider, os transtornos de personalidade, nomeados por ele como “Personalidades Psicopáticas” são “aquelas que sofrem com a sua anormalidade ou que assim fazem sofrer a sociedade” (De Moura Fé, 2021, p. 3), que de acordo com ele não são considerados doenças, mas sim, o modo de ser dessas pessoas, que podem ganhar destaque pelas suas particularidades - sendo estas inúmeras – dificultando assim sua classificação e tipologia (De Moura Fé, 2021).

A literatura, sendo considerada uma forma de expressão fortalecedora da linguagem, configura-se em uma infinita fonte de expressões artísticas e de representação de conteúdos pessoais. A abordagem de personagens com transtornos de personalidade surge com uma riqueza de traços peculiares que se fortalecem de acordo com desenvolvimento de seus contextos, os tornando modelos de excelência em qualquer área científica (De Moura Fé, 2021).

Nas produções literárias, certos autores ganharam destaque no que diz respeito a proporcionar condições para que seus nomes fossem citados para nomear transtornos mentais, como Marquês de Sade e Sacher Masoch para o sadismo e o masoquismo (De Moura Fé, 2021).

Na procura de se ver no outro por meio do seu exterior previsível, de sua aparência ou de certos sinais refletidos em outras pessoas, e não obtendo sucesso em sua procura, o homem buscou direcionar as atenções para dentro de si. Por esse motivo, certos autores recomendam a apresentação de seus personagens transtornos de personalidade como pessoas normais, que podem passar despercebidas e confundir-se com outras, o tornando próximo do contexto social (De Moura Fé, 2021).

Chichikov, a personagem principal da obra *Almas Mortas* (1842) do escritor Nikolai Gogol tem uma personalidade com transtornos bem determinados, sendo caracterizada como antissocial, pois planejou a compra de almas mortas (chamada servos mortos) que ainda se configuraram como vivas na listagem dos proprietários rurais, fazendo assim com que houvesse redução dos impostos, na busca de conseguir benefício próprio por meio de empréstimos bancários para a compra de

terras com as almas (servos) adquiridos. Além disso, Nozdriov, outro personagem de *Almas Mortas* caracterizado com um rosto que reflete honestidade e audácia (De Moura Fé, 2021).

O historiador francês Georges Vigarello mostra, em dois exemplos na literatura, a ausência de traços distintos e a maior proximidade com pessoas portadoras de transtornos mentais com envolvimento em crimes. Vigarello ainda cita a novela do escritor Octave Mirbeau, *Assassino da rua Montaine* (1884) em que o personagem, um esturpador e matador de prostitutas é percebido da seguinte forma: “Eu o encontrei ontem. Andava rápido, feria o ar com sua bengala, cantarolava e fumava um charuto... É um personagem agradável, amável, com afetuosa e simpática aparência” (De Moura Fé, 2021, p. 4).

Guy de Maupassant, em seu conto intitulado "*La Petite Roque*" (1886), aborda a história de uma menina de 13 anos, abusada e morta pelo prefeito da cidade, Renardet, que tinha o respeito e a admiração de toda a população. O personagem era descrito como um homem acima do peso, de cor avermelhada, forte e muito prestigiado na cidade, embora caracterizasse uma pessoa bastante violenta (De Moura Fé, 2021).

A falta de sensibilidade e empatia tem sido apontada como uma das características mais marcantes dos transtornos de personalidade, especialmente pessoas antissociais, elencadas a aspectos de “frieza” perante a determinados casos de crueldade e assassinatos (De Moura Fé, 2021).

Em *Querelle de Brest* (1947) livro de Jean Genet, a personagem principal Querelle, constantemente assassinava seus parceiros depois que cometia os assaltos. Certa vez, ao encontrar um marujo usando uma boina que habitualmente usava da mesma forma, prontamente o mandou utilizar de outra maneira. O marujo, sem compreender o motivo de tal ordem, foi agredido cruelmente, fazendo com que o mesmo se sentisse roubado, e concluiu que toda aquela agressão foi motivada por vingança (De Moura Fé, 2021).

Em *Confissões do Impostor Felix Krull* (1954), do escritor e romancista Thomas Mann, nos mostra alguns traços do caráter de seu personagem que são frequentemente observados em pessoas com transtornos mentais, como a farsa, o fingimento e a mentira, além da preocupação em explicar as dificuldades e estabelecer relações sociais bem como de fazer amizades. Diante disso, é possível notar que a mentira da pessoa que apresenta transtornos de personalidade não está relacionada



ao simples ato de mentir, mas sim, pela satisfação e realização que o próprio ato pode fazer e o poder de transformá-la em uma mentira ainda maior (De Moura Fé, 2021).

Ainda mergulhando no universo da literatura sombria, Edgar Allan Poe, até os dias atuais, é tema de inúmeras discussões no que diz respeito à literatura norte americana, tanto pelo seu trabalho cuidadoso com a linguagem como também por sua influência para as gerações que sucederam o Romantismo (Bellin, 2011). Poe foi um dos pioneiros da literatura ficcionista e fantástica. Seus contos sombrios, tais como *A queda da casa de Usher* (1839), *William Wilson* (1839) e *O gato preto* (1843) provocam uma viagem profunda na psique humana, além de suspense, o que categorizou este grande autor como mestre do horror. Entretanto, vale destacar que Poe também escreveu contos policiais, sátiras, bem como contos de humor e de ficção científica (Bellin, 2011).

As obras de Poe, especialmente seus contos de terror, fazem uma combinação de mistério, maldição, assassinatos, confissões, bem como uma justificativa para ações de tais atos criminosos. O autor tinha grande apreço pela Frenologia, que se trata de uma pseudociência de grande destaque no século XIX, onde a ideia defendida era de que a parte côncava da cabeça tivesse relação com a aptidão humana (Acosta, 2018).

O escritor se manteve preso à tendência gótica do Romantismo na Inglaterra, bem como as obras de alguns autores como Ann Radcliffe. No que diz respeito ao seu lado poeta, ele sofreu uma série de influências, como: Lord Byron, William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, seja por seus personagens com características noturnas, seja pela descrição da natureza de forma poética, ou no cuidado em retratar o lado sombrio e misterioso. Já atuando como crítico e editor, Poe foi o precursor da reflexão da ficção curta (Bellin, 2011).

Vale destacar que Poe contribuiu bastante no desenvolvimento do modernismo, devido ao seu gosto pela natureza gótica e sua afeição pelo Romantismo. Embora tenham tido destaque pela abordagem fantástica, foram um dos poucos autores que conseguiram transmitir a realidade de uma forma mais profunda, em detrimento à ascensão do capitalismo (Garcia, 2020).

Edgar aplicava princípios que representavam a América no século XIX, princípios estes que contrastavam com os elementos do terror, os medos e inquietações, em personagens tanto com características mais comuns como

aristocráticas. O autor fazia uso dos elementos da existência, que provocam diversos tipos de interpretações, causando a angústia de seus personagens (Garcia, 2020).

Outro ponto interessante está relacionado às personagens do autor, pois elas geralmente se localizam em mansões, ou em outros locais, posicionadas em um determinado local, fora do tempo e do espaço. No que diz respeito a sua ficção romântica, as personagens se apresentam em locais sombrios, o que dá a sensação de universo paralelo, se distanciando do mundo real. Os cenários conspiram uma maior intensidade do tema, muitas vezes em locais desconhecidos e estranhos como em *A queda da casa de Usher*.

Os contos de Poe geralmente se situam em ambientes fechados, como caixão, castelo, dentre outros, fazendo desses cenários propícios para a criação deste tipo de narrativa (Garcia, 2020). Grande parte das personagens de Edgar Allan Poe apresenta um lado perverso, onde o autor busca retratar a maldade do ser humano em diversos aspectos. A psicanálise deu ainda mais sentido às ideias de Poe. Segundo Garcia (2020), o universo sombrio em suas obras se tornou, então, um pontapé para a psicanálise moderna.

O médico neurologista e psicanalista Sigmund Freud, inventor do paradigma psicanalítico, se interessou pelo estudo das manifestações de desequilíbrio psicológico, e com base no seu contato com os pacientes, o mesmo elaborou uma teoria chamada “Teoria da Personalidade” (Cunha, 2008).

De acordo com o relato de seus pacientes sobre sintomas neuróticos, ilusões, sonhos e lembranças, Freud formulou uma teoria sobre como se estruturava a personalidade humana e de que forma ela funcionava. Segundo ele, nossa personalidade é formada por três instâncias: o *id*, *ego* e *superego* (Cunha, 2008).

O *id* seria a instância que contém nossos impulsos inatos, sendo composto por energias, sendo chamadas por Freud de impulsões, que são determinadas de forma biológica, e que contém determinantes de desejos e necessidades que não são reconhecidos em qualquer sociedade moralmente estabelecida. Vale ressaltar que *id* não é uma instância socializada, não respeita acordos, e sua energia busca uma forma de satisfazer o organismo. Como o *id* é algo inato, ou seja, individual, as outras partes da personalidade podem ser desenvolvidas ao longo da vida (Cunha, 2008).

O *ego*, que significa “eu”, é a instância da personalidade responsável em manter o contato com o ambiente que cerca o ser humano. Seria a nossa parte perceptível, que convive de acordo com as regras aceitáveis da sociedade, mas também sofre

pressões do meio em que convive, e pode executar certas ações com intuito de equilibrar o convívio da pessoa com o que os cercam. Por fim, o *superego* está relacionado com as normas e princípios morais do grupo social em que o indivíduo está inserido (Cunha, 2008).

Podemos perceber, portanto, que essas três instâncias apresentam a seguinte dinâmica: energias que são determinantes de desejos, oriundas do *id*, devem alcançar o mesmo nível do ego, para que possa haver articulação das ações de efeito das necessidades impostas, e diante disso, o ego tem a “tarefa” de dar conta ou não de tais articulações. Esta é uma problemática que retrata as possibilidades reais do que está à disposição do indivíduo (Cunha, 2008).

Freud também comparou a mente humana a um *iceberg*, sendo a personalidade dividida em três níveis: o consciente, pré-consciente e inconsciente. O nível consciente seria a ponta desse iceberg, e inclui as experiências e sensações das quais temos o conhecimento em todos os momentos (Cunha, 2008).

De acordo com Shultz & Shultz, (2002, p. 49): “Freud considerava o consciente um aspecto limitado da personalidade, porque há somente uma pequena parte dos nossos pensamentos, sensações e lembranças na consciência todo o tempo”. Para Freud, o inconsciente é o nível mais importante, pois se trata da parte maior, invisível e incontrolável. Este nível seria a base do *iceberg*, aquela que fica oculta na superfície.

As manifestações do inconsciente seriam a causa da boa parte do comportamento humano. Entre consciente e inconsciente, existe o pré-consciente, e nele está depositado as lembranças, percepções, bem como as ideias que muitas vezes não conhecemos, mas que facilmente podem surgir no consciente (Schmaltz, 2005).

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, chegou a criticar as teorias de Freud em certos aspectos. Para Jung, a etapa mais importante para o desenvolvimento da personalidade não era na infância, como havia concluído o austríaco, mas sim, a meia-idade. Assim como Freud, Jung também segmentou a personalidade em diferentes níveis, sendo eles: o ego, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Para o psiquiatra, o ego nada mais é do que a parte consciente da personalidade, agindo de forma seletiva, considerando que na consciência humana apenas uma porcentagem dos estímulos do indivíduo é exposta (Cunha, 2008).

Ainda de acordo com Jung, boa parte da percepção consciente e da reação ao ambiente são determinadas pelas atitudes mentais opostas à introversão e

extroversão. Em outras palavras, a energia psíquica pode ser direcionada ao mundo exterior ou interno, ou seja, o *self*. O estudioso ainda afirmava que apenas uma dessas atitudes poderia ser predominante na personalidade, mesmo que certas pessoas sejam capazes de apresentar as duas. Entretanto, ele percebeu que embora alguns indivíduos apresentem as mesmas atitudes, os mesmos se comportam de maneiras diferentes (Cunha, 2008).

Jung sugeriu que a personalidade é determinada pelo que a pessoa foi no passado e que se espera dela:

Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria (Jung, 1983, p. 177).

Jung continuou suas críticas a Freud por afirmar que somente os acontecimentos do passado podem moldar e determinar a personalidade, sem considerar o futuro. Ele acreditava que as pessoas podem crescer independentemente da idade, e esta pode alcançar um grau maior de realização do *self* (Cunha, 2008). O psicólogo alemão Hans Jürgen Eysenck, foi um dos primeiros psicólogos da personalidade a se interessar pelas bases biológicas dos traços da personalidade dos traços. Ele acreditava que seria possível medir os aspectos da personalidade, e não ela propriamente dita (Cunha, 2008).

Se a personalidade é campo de estudo caracterizado por determinado ponto de vista, é óbvio, então, que não a podemos medir, do mesmo modo que não podemos medir o universo. Tudo que podemos fazer é medir certos aspectos dela, ou do universo (Eysenck, 1974, p. 164).

Nos estudos de Eysenck, de modo geral, ainda abordam que os fatores genéticos apresentam papel importante na determinação da personalidade e no comportamento social, embora não desconsidere os fatores ambientais e situacionais, como por exemplo a interação familiar na infância (Cunha, 2008). No capítulo a seguir, será feita uma discussão sobre o duplo “eu” ou mito do *doppelgänger*, bem como algumas considerações acerca da “tríade sombria” e a percepção de alguns autores sobre os três traços que a compõem.

### 3 A VISÃO PSICANALÍTICA DO DUPLO “EU” E A TRIÁDE SOMBRIA

A temática acerca do “duplo”, na literatura, apresenta um longo histórico de tradição, a exemplo das obras de Hoffmann, Gogol e Dostoievsky, além de outros nomes. O interesse em contribuições narrativas com a presença do duplo surgiu no século XIX a partir da reflexão sobre a natureza interna do homem, no ponto de vista científico, elencadas pelo favorecimento proporcionado pelo romantismo em conhecer e explorar outras áreas da percepção humana (Oliveira, 1986).

No ponto de vista literário, os mecanismos do duplo desenvolvem uma série de pensamentos que envolvem a identidade humana. Pode se dizer que o duplo é a concretização do reflexo humano no espelho, portanto, sua base é duplicada de um modelo real/original. Entretanto, essa duplicação remete a segmentação do homem, conceito este enraizado nas teorias do século XVIII (Oliveira, 1986).

Nas narrativas, como *William Wilson* (1839) de Edgar Allan Poe, *O médico e o monstro* (1885) de Robert Louis Stevenson, “*O sócio secreto*” (1910) de Joseph Conrad, e “*O Pirotécnico Zacarias*” (1947) de Murilo Rubião, pode-se observar um crescimento na busca do equilíbrio entre o homem dividido, o homem em pleno conflito com o seu “duplo” e, por fim, o homem em processo de reconciliação consigo mesmo (Oliveira, 1986). Ainda de acordo com Oliveira (1986) “o duplo converge para si a quebra da unidade, deslocamento da percepção do EU que se conhece pelo OUTRO e é ainda a manifestação e busca da identidade humana - um e outro” (Oliveira, 1986, p.185).

O termo historicamente utilizado para se referir a figura do duplo chama-se *doppelgänger*. Trata-se de um mito que ocorria com frequência em várias civilizações do ocidente, e que tinham relação com o horror e a mortalidade. De acordo com essa lenda, um espírito poderia possuir as mesmas características físicas e/ou psicológicas de uma outra pessoa. Tal “persona” poderia ser uma manifestação física “concreta”, ou seja, real, ou somente uma fantasia dentro da mente de uma pessoa ou personagem, tendo recebido as mais diversas nomenclaturas ao longo dos anos (Schargel, 2020).

Esse termo recebeu diversas nomenclaturas pelo mundo. Os finlandeses chamavam de *Etäinen*, já os habitantes do norte da Europa nomearam o duplo de *Vardøger*, e os egípcios chamavam de *Kaa* (Schargel, 2021) Por fim, o termo foi

originado por um escritor alemão chamado Jean Paul em seu romance intitulado *Siebenkäs* (1796) na qual foi inspirado no folclore do seu país. O mito do *doppelgänger* surge inicialmente como algo ligado ao público, ao popular, assim como qualquer outro mito (Schargel, 2020).

Não é por acaso que alguns dos relatos sobre o duplo presentes na literatura e a própria origem do termo *doppelgänger* se entrelaçaram com a ascensão da classe burguesa e sua dominância, além do crescimento do gênero romance. Ainda de acordo com o autor:

Esse processo de 'elitização' torna-se ainda mais intenso a partir da visão psicológica que os autores impõem sobre o tema. O mito, então, não apenas se elitiza como também sofre uma transformação do coletivo para o individual, ao tornar-se objeto de estudo da literatura e até mesmo da psicanálise (Schargel, 2020, p. 106).

O autor ainda aborda acerca do estudo do duplo e o Estádio do Espelho:

O estudo do duplo é antes de tudo o estudo do "outro". O duplo é o 'estranho', a quebra do "Estádio do Espelho". Justamente por isso sua existência causa tanto incômodo ao personagem e nos leitores: ele é o "Eu" fora do "Eu", uma espécie de fusão entre o "Eu" e o "estranho" (Schargel, 2020, p. 107).

(...) O Estádio do Espelho por si só é um processo de identidade, o qual é quebrado com a presença do sócia. Por isso é complicado desassociar o *doppelgänger* de nós mesmos, aceitar que aquele indivíduo paradoxalmente é e não é você. Pois partilhando das mesmas características físicas e em alguns casos até personalidades parecidas (embora em grande parte das vezes o duplo seja representado com uma personalidade oposta ao do personagem), a sua manifestação extracorpórea e extraordinária é motivo para tomá-lo com estranheza (Schargel, 2020, p.107).

O espelho torna-se, então, o objeto que segrega o "eu" do nosso suposto *doppelgänger*. A estranheza se dá justamente pela revelação de que existe outro ser parecido fisicamente com você, mas que, ao mesmo tempo, não nos identificamos com o mesmo.

Schargel (2020) cita, ainda, que o duplo apresenta uma quebra de segurança, por meio da presença do "maligno" na rua. A transição do "eu" para o "outro" é uma das motivações da aflição e interesse muitas vezes presentes em alguns fenômenos, como por exemplo o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) ou como muitos

conhecem, Dupla Personalidade (DP). Ainda de acordo com ele: “O duplo constitui o “estranho”, o “outro lado da moeda”, tomando uma expressão lugar-comum emprestada. Não necessariamente, porém, ele necessita ter as mesmas características físicas de um indivíduo” (Schagel, 2020, p. 107).

O autor também enfatiza que: “O duplo pode ser o antagonista, o oposto, um ser que possui sua existência praticamente atrelada a outro personagem, mesmo não tendo as mesmas feições” (Schargel, 2020, p. 107).

O autor faz citação de alguns personagens como o *Batman*, em que é feita uma exploração da faceta do duplo pelo protagonista. Alan Moore, mencionado por Schargel, explica que o personagem *Coringa* só existe por mérito da existência de Batman, ou seja, o herói é o responsável pela existência do vilão. Pode-se dizer, portanto, que o Coringa se trata de outra persona do personagem, ou seja, ambos se completam, necessitam um do outro, um dá sentido ao outro. Por mais que esses duplos não sejam parecidos fisicamente, são semelhantes às sócias representadas em *O Duplo* e em *William Wilson*, considerando que agem com personalidades que se complementam (Schargel, 2020, p. 107).

Outro autor que também se interessou pelo estudo do duplo foi o escritor e filósofo russo Fódor Dostoiévski, em que já manifestava um apreço pelo estudo de doenças cerebrais, mentais, do sistema nervoso e também pela natureza da psicologia (Oliveira, 2021).

Oliveira (2021) ainda sobre Dostoiévski:

Reconhecendo em si mesmo a marca da duplicidade, o escritor russo admite, paradoxalmente, o quanto essa peculiaridade é causa de seu sofrimento, mas também de seu deleite. Não por acaso, Dostoiévski construiu muitos personagens, alguns dos mais impetuosos e intensos da literatura universal, em que essa característica se manifesta (Oliveira, 2021, p. 284).

Por outro lado, D’Agord (2013) enfatiza que:

‘William Wilson’ de E. A. Poe e “O duplo” de Dostoiévski, pela figuração do fenômeno de duplicidade egoica e a angústia que lhe é concomitante, destacam-se como modelos literários para pensar o fenômeno do duplo, na medida em que não se limitam à figuração de uma situação limite, mas, assim como a pesquisa psicanalítica e a Psicopatologia Fundamental, partem de uma crítica da relação entre o ser e a consciência. Isto é, supõem uma diferença entre o que é percebido e as múltiplas facetas do ser (D’Agord, 2013, p. 478).

Na visão freudiana, em uma manifestação delirante do ser humano, pode ser desenvolvido uma espécie de isolamento da consciência, influenciada pelo *eu*, fazendo com que haja uma anulação da unidade de identidade, ou seja, o indivíduo é direcionado a explorar seu limite quando reconhecer “ser estranho de si mesmo” Oliveira (2021).

Ainda contemplando toda essa atmosfera de estudos acerca do duplo, existe um fenômeno chamado de Tríade Sombria (*Dark Triad*) Oliveira (2021) define a Tríade Sombria como um modelo utilizado para descrever a personalidade centrados em traços considerados sombrios, ou seja, essas características são tidas como prejudiciais ou influenciadas pela dificuldade de manter relações interpessoais.

Esse termo pode ser conceituado também como um agrupamento de traços contrários da personalidade, e que podem ser formados pelo maquiavelismo, e pelas mudanças subclínicas de psicopatia e narcisismo. O conjunto desses três traços compartilha a falta de empatia, o que pode gerar frieza emocional e agressividade (Monteiro, 2017).

Em relação ao maquiavelismo, estar relacionado a alguns aspectos, como a capacidade manipulativa, comportamento amoral e estratégico, além da natureza humana de retardar situações para benefício próprio (Monteiro, 2017). Já a psicopatia pode ser caracterizada pela impulsividade, a busca incansável por emoções, a irresponsabilidade, e uma tendência antissocial (Monteiro, 2017).

Sobre as características da psicopatia, é possível identificar alguns elementos diferenciados, como a hostilidade e a impulsividade, já pessoas maquiavélicas podem ser caracterizadas como seres frios, estratégicos. Por outro lado, os narcisistas sentem a necessidade de serem admirados, muitas vezes se sentindo superiores e exaltando sua autoestima. É importante ressaltar, ainda, que narcisistas geralmente só são agressivos quando têm seu ego ameaçado (Monteiro, 2017).

Ainda sobre as características de traço, Bonfá-Araújo (2020) exclama que:

No que tange às especificidades de cada traço, narcisismo é caracterizado pelo senso de grandiosidade, superioridade e necessidade de admiração. Outras características secundárias são arrogância e relações interpessoais antagônicas. Maquiavelismo engloba comportamentos manipulativos e exploratórios frente à terceiros, auto interesse e falta de moralidade. Também apresentam



uma visão generalizada e cínica do mundo e das pessoas. Por sua vez, a psicopatia é definida como um padrão de impulsividade, comportamentos antissociais, frieza emocional e falta de remorso (Bonfá-Araújo, 2020, p. 2).

Ainda de acordo com o autor, todos esses elementos que formam a tríade sombria, compartilham de um núcleo comum de instabilidade, manipulação interpessoal e falta de empatia. Além disso, outro fator essencial no que diz respeito a tríade sombria está relacionado a diferenças entre os sexos, dando ao homem os maiores escores de todas as dimensões. Essa diferença para os traços sombrios está relacionada à agressividade, impulsividade e pela necessidade de dominância, pois esses comportamentos são frequentemente descritos na sociedade como masculinos.

Noronha (2022) também destaca algumas outras características acerca do maquiavelismo, narcisismo e psicopatia.

O primeiro é caracterizado por comportamentos de estratégia, manipulação e desconsideração; o narcisismo é marcado por comportamentos de grandiosidade, superioridade e dominância; e, por fim, a psicopatia inclui comportamentos de alta impulsividade, baixa empatia e ansiedade. Embora possuam especificidades, os construtos se sobrepõem no que tange à insensibilidade, ao antagonismo e à manipulação (Noronha, 2022, p. 246).

É possível notar, portanto, que cada um dos três traços da Tríade Sombria da Personalidade possui suas características distintas, porém, embora tenham suas especificidades, algumas delas se entrelaçam. Por exemplo, pessoas com personalidades maquiavélicas utilizam de suas estratégias para manipular o outro e consequentemente conseguir seus objetivos, o que as tornam seres sem empatia, coincidindo com as características de traços da psicopatia.

Para Gouveia e Monteiro (2016) a psicopatia pode ser compreendida como uma espécie de interação entre três dimensões: desinibição, audácia e a crueldade. Diante disso, pessoas com traços psicopatas podem apresentar comportamentos impulsivos tendo como consequências conflitos instintivos, entretanto, podem se adaptar a situações estressantes e traumáticas (audácia), ou seja, apresentam faceta adaptativa, sendo firmes aos diversos tipos de pressão, sejam elas ambientais ou interpessoais.

Por outro lado, o narcisismo é considerado um traço da personalidade marcado por variações de vulnerabilidade na autoestima, além da necessidade constante de atenção e busca pela aprovação dos outros. O maquiavelismo é o único dos três traços

em que não se configura como um transtorno de personalidade, pois este está mais voltado a um comportamento manipulativo e enganador, utilizados como meio para alcançar benefício próprio (Gouveia; Monteiro, 2016).

Gouveia e Monteiro (2016) ainda ressaltam que:

Em suma, é possível perceber que mesmo com particularidades inerentes a cada um dos construtos, os fatores da tríade sombria apresentam algo em comum, isso é, um componente nocivo que incide no comportamento social, levando a uma disposição para explorar e manipular os demais quando for conveniente, visando principalmente auferir vantagens ou pelo simples fato de fazer sofrer aos demais, tratando-os como objetos de fácil manipulação (Gouveia; Monteiro, 2016, p. 421).

De acordo com De Oliveira (2023) as descobertas e os estudos relacionados a tríade sombria podem ser de grande contribuição para a redução dos comportamentos nocivos, além de dificultar que estes possam se tornar mais evidentes. Ainda de acordo com a autora, é perceptível o avanço dos estudos acerca da Tríade Sombria, o que possibilitou uma maior compreensão sobre sua origem e particularidades, porém, no Brasil, os estudos sobre essa temática estão cada vez mais escassos.

Santos (2017) enfatiza que a junção dos três traços da tríade sombria da personalidade surgiu depois da realização de pesquisas que possibilitaram identificar que mesmo sendo diferentes, apresentam semelhanças positivas entre si.

Ainda de acordo com a autora:

Cada traço da tríade possui características específicas que o difere dos outros. No entanto, algumas dessas características são compartilhadas como a manipulação em benefício próprio, a busca por status elevado, a falta de empatia e a orientação à dominância social (Santos, 2017, p. 26).

Sobre os três traços da Tríade Sombria, Santos (2017) ainda aponta algumas características da psicopatia e narcisismo. Para a autora:

A psicopatia envolve características que dificultam as relações interpessoais, tais como ausência de remorso, impulsividade, falta de empatia, falta de controle, manipulação, desapego emocional e dominância social (Santos, 2017, p. 27).

É interessante notar que pessoas com traços sombrios de psicopatia tendem a se isolar da vida em sociedade, evitando contato e aproximação com terceiros e com

o mundo, e como consequência disso, tendem a ser pessoas discretas, evitando ser o centro de atenções. Diferentemente das características de psicopatia, o narcisismo tem como uma de suas principais especificidades a busca por admiração e enaltecimento, conforme aponta Santos (2017):

Narcisismo, por sua vez, caracteriza-se por tendências à grandiosidade, ao exibicionismo, à intolerância a críticas, à superioridade, à arrogância, ao medo do fracasso e à necessidade de ser amado (Santos, 2017, p. 27).

Em relação ao maquiavelismo, “as características principais referem-se à manipulação e ao uso de estratégias para alcançar status social” (Santos, 2017, p. 29). Alguns autores ainda acrescentam outras características maquiavélicas, como a estratégia, cinismo, tática e astúcia.

Monteiro (2023) estudou sobre a influência da Tríade Sombria no ambientalismo, e ressaltou que trabalhos recentes verificaram que pessoas com traços de psicopatia e maquiavelismo estão negativamente associados ao apego em ambientes e a atitudes pró-ambientais, além também de estar relacionado negativamente a uma orientação empreendedora sustentável, pouca priorização aos valores biosféricos e ausência de ações em prol do meio ambiente. Como consequência disso, o autor discorre que:

Observa-se que a falta de empatia, frieza emocional e tendência para explorar os demais em benefício próprio, que caracterizam o núcleo da tríade sombria da personalidade, podem ter um papel importante para o entendimento de comportamentos e atitudes em relação ao meio ambiente. Cabe ressaltar que a personalidade é uma variável distal em relação ao comportamento, havendo variáveis mais proximais ao ambientalismo que podem atuar como mediadores, a exemplo das atitudes socioideológicas (Monteiro, 2023, p.03).

Diante de todo o exposto, tem-se tornado cada vez mais frequente a presença de personagens com traços de personalidade sombria não apenas na literatura, como citado anteriormente em obras como “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, mas também em filmes, séries e animes, sendo este último um dos objetos de análise deste trabalho. No capítulo seguinte, serão abordadas algumas considerações sobre os animes, bem como sobre a literatura.

## **4 ANÁLISE COMPARATIVA DA PERSONALIDADE SOMBRIA DE WILLIAM WILSON E LIGHT YAGAMI**

Neste capítulo, discorreremos de forma breve sobre o gênero narrativo conto, bem como sobre o autor Edgar Allan Poe, um dos principais nomes dessa categoria. Em seguida, apresentamos o enredo do conto “William Wilson” (1839) e algumas considerações sobre o personagem principal da obra. Posteriormente, foi realizado um panorama geral sobre os animes e seu espaço na cultura popular. Também abordamos a série japonesa Death Note e seu protagonista, Light Yagami. Por fim, fizemos uma descrição da personalidade dos personagens mencionados e, conseqüentemente, uma análise comparativa, destacando as semelhanças e diferenças na identidade sombria de ambos.

### **4.1 *William Wilson*: O conto**

De acordo com Saraiva (2001), os gêneros narrativos curtos são boas opções para quem está iniciando uma jornada de leitura, como por exemplo, crianças que foram alfabetizadas recentemente, e que apresentam poucas experiências com esse universo, pois a interação existente entre imagem e texto pode auxiliar em um interesse maior nessa perspectiva.

Tais narrativas são caracterizadas por apresentarem enredos mais simples, com número de personagens reduzidos, além de ocorrer em um curto espaço de tempo, para uma melhor identificação dessas personagens. Outra característica dessas narrativas curtas, é que as mesmas apresentam pouca narração, e que muitas vezes são feitas através de diálogos (Musialak; Robaszkiewicz, 2013). Dentre as narrativas curtas, estão os contos, e de acordo com Abaurre (2007), o conto trata-se de uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo, espaço e tempo.

A autora ainda aponta que este tipo de gênero também é caracterizado por apresentar uma determinada ordem criada pelos elementos da narrativa, e que esta deve ser seguida, pois é desajustada pelo conflito que vai sendo desenvolvido. O principal objetivo do autor de um conto é justamente desequilibrar a estabilidade por tal conflito, e a resolução deste, é o foco maior da história.

Quando se fala em contos, é impossível não remetermos a um dos grandes nomes da literatura norte-americana, Edgar Allan Poe, que é um dos destaques no que se trata deste tipo de gênero narrativo. Tal título não se deve somente à grandeza de suas escrituras e características, como também do papel crítico sobre como escrever ficção de forma tão agradável (Teixeira, 2017). De acordo com Paul March-Russel (2009):

Nenhum trabalho de crítica a contos poderia omitir o nome de Poe, sendo ele considerado quase universalmente como o fornecedor das bases para o conto moderno. Em sua época, Poe era uma figura marginal embora seja possível afirmar que sua distância tanto da respeitabilidade comercial bem como da crítica permitiu-o definir o futuro do desenvolvimento do conto (Russel, 2009, p. 32).

Almeida (2015), ressalta que a intensidade, o impacto, e domínio que Edgar Allan Poe causa, são exclusivos de quem lê e aprecia seus contos. Podendo levar a outro espaço de imaginação, projetando o leitor para dentro da história, proporcionando experiências que provocam os mais diversos tipos de emoções.

Edgar Allan Poe, até os dias atuais, é tema de inúmeras discussões no que diz respeito à literatura norte americana, tanto pelo seu trabalho cuidadoso com a linguagem como também por sua influência para as gerações que sucederam o Romantismo (Bellin, 2011). Poe foi um dos pioneiros da literatura ficcionista e fantástica. Seus contos sombrios, tais como “*A queda da casa de Usher*”, “*William Wilson*” e “*O gato preto*”, provocam uma viagem profunda na psique humana, além de suspense, o que categorizou este grande autor como mestre do horror. Entretanto, vale destacar que Poe também escreveu contos policiais, sátiras, bem como contos de humor e de ficção científica (Bellin, 2011).

As obras de Poe, especialmente seus contos de terror, fazem uma combinação de mistério, maldição, assassinatos, confissões, bem como uma justificativa para ações de tais atos criminosos. O autor tinha grande apreço pela Frenologia, que se trata de uma pseudociência de grande destaque no século XIX, onde a ideia defendida era de que a parte côncava da cabeça tivesse relação com a aptidão humana (Acosta, 2018).

O escritor se manteve preso à tendência gótica do Romantismo na Inglaterra, bem como as obras de alguns autores como Ann Radcliffe. No que diz respeito ao seu lado poeta, ele sofreu uma série de influências, como: Lord Byron, William Wordsworth

e Samuel Taylor Coleridge, seja por seus personagens com características noturnas, seja pela descrição da natureza de forma poética, ou no cuidado em retratar o lado sombrio e misterioso. Já atuando como crítico e editor, Poe foi o precursor da reflexão da ficção curta (Bellin, 2011).

Vale destacar que Poe teve grande contribuição também no desenvolvimento do modernismo, e isso se dá por seu gosto pela natureza gótica, e por sua afeição pelo Romantismo. Embora tenham tido destaque pela abordagem fantástica, foram um dos poucos autores que conseguiram transmitir a realidade de uma forma mais profunda, em detrimento à ascensão do capitalismo (Garcia, 2020).

Edgar aplicava princípios que representavam a América no século XIX, princípios estes que contrastavam com os elementos do terror, os medos e inquietações, em personagens tanto com características mais comuns como aristocráticas. O autor fazia uso dos elementos da existência, que provocam diversos tipos de interpretações, causando a angústia de seus personagens (Garcia, 2020).

Outro ponto interessante está relacionado às personagens do autor, pois elas geralmente se localizam em mansões, ou em outros locais, posicionadas em um determinado local, fora do tempo e do espaço. No que diz respeito a sua ficção romântica, as personagens se apresentam em locais sombrios, o que dá a sensação de universo paralelo, se distanciando do mundo real. Os cenários conspiram uma maior intensidade do tema, muitas vezes em locais desconhecidos e estranhos como em *“A queda da casa de Usher”*.

Os contos de Poe geralmente se situam em ambientes fechados, como caixão, castelo, dentre outros, fazendo desses cenários propícios para a criação deste tipo de narrativa (Garcia, 2020). Grande parte das personagens de Edgar Allan Poe apresenta um lado perverso, onde o autor busca retratar a maldade do ser humano em diversos aspectos. A psicanálise deu ainda mais sentido às ideias de Poe. Segundo Garcia (2020), o universo sombrio em suas obras se tornou, então, um pontapé para a psicanálise moderna. Dentre seus vários contos que trazem à tona uma perspectiva sombria está o conto *William Wilson*, em que Poe retrata com mestria a temática do duplo.

Como abordado anteriormente, o termo do “duplo” entrou em pauta popular desde que surgiram as primeiras manifestações do que chamamos de *doppelgänger*, que se trata de um mito em que o ser humano assume várias manifestações de personalidade. Entretanto, a presença dessa personalidade dupla fica muito restrita à

mente do personagem, a exemplo do conto “*William Wilson*” (1839) de Edgar Allan Poe (Shargel, 2021).

Em *William Wilson*, Poe aborda a temática do “duplo” por meio do personagem principal da obra, que apresenta o mesmo nome do conto. A história aborda um conflito pessoal de William Wilson com seu “duplo eu”, e que vai se desdobrando até o fim na narrativa. William conhece outro rapaz que apresenta o mesmo nome, aparência e jeito de caminhar que o seu. Então, ele decide fugir, quando descobre que seus rostos também são iguais (Ligosky, 2013).

Nessa tentativa de fuga, e na busca de se restabelecer, seu eu o seguia por todos os lugares, fazendo assim, com que o mistério continuasse sobre a identidade do seu duplo. O mistério é desvendado com o encerramento da perseguição, onde um espelho mostra a imagem refletida, revelando assim que a pessoa em questão se tratava dele mesmo. No final, ocorre uma luta entre os personagens, ocorrendo a morte do outro eu de William Wilson, o que, conseqüentemente, ocasiona o seu próprio fim (Ligosky, 2013).

Para Mota (2011) William Wilson já demonstrava uma personalidade forte desde bebê, e isso culminou também durante sua infância, sendo uma criança que tinha liberdade de fazer o que queria. O autor completa, ainda, fazendo uma breve síntese do conto:

Na escola, ele se depara com um homônimo que também é seu sócia e que nasceu no mesmo dia, mês e ano em que ele havia nascido. Não bastasse isto, este sócia copia todos os seus trejeitos e falas. A única diferença entre eles é a voz do duplo, que não passa de um sussurro. Aparentemente, entretanto, ninguém mais consegue perceber ou se perturbar com tais semelhanças, a não ser o próprio William Wilson. O tempo passa e William Wilson acaba se encontrando com o seu sócia apenas em situações que envolvam constrangimento. Como já não consegue mais suportar a aparição inoportuna do outro, William Wilson acaba matando o seu duplo. Ao matá-lo, ele descobre ter incorrido apenas contra o espelho (Mota, 2011, p. 15).

É possível notar, portanto, que Edgar Allan Poe, buscou caracterizar seu protagonista como um ser malvado e perverso, capaz de fazer as maiores maldades para conseguir o que deseja (Benevides, 2007). Para Bernardino (2013):

O conto "William Wilson" de Edgar Allan Poe, assim como a maioria de seus contos, apresenta a temática do mistério e do suspense, sendo esse o seu principal estilo. Na narrativa selecionada, nota-se de forma explícita o desafio da personagem em busca do seu eu e da sua identidade, a qual ele pensa estar sendo usurpado por seu sócia (Bernardino, 2013, p. 19).

Edgar Allan Poe consegue trazer em suas obras um estilo único de suspense e terror, e isso se justifica pela forma genial que o autor descreve seus personagens, os cenários e o transcorrer de suas narrativas, contribuindo para que o leitor mergulhe profundamente em cada detalhe. O conto "*William Wilson*" não fica distante do que Poe propõe a seus leitores, pois o imaginário do protagonista, crendo na existência de um sócia, torna-se o principal alvo do mistério.

#### **4.2 *Death Note*: o anime**

Desde o século passado, as séries japonesas, também conhecidas como animes, vêm se tornando um produto de grande aceitação tanto na Europa quanto nos Estados Unidos e no Brasil. De fato, esse conteúdo ganhou grandes proporções, impressionando pela sua dimensão e particularidade, bem como pelos modos de circulação, uso, consumo, recepção e pelo seu apoderamento para estudos (Alencar, 2010).

Em relação ao conceito, não existe uma definição clara para anime, pois o significado deste mesmo termo é alvo de discussões, a depender do local em que se origina, bem como de quem utiliza o termo. No Brasil, pode-se definir como animações que são originárias do Japão, porém, na visão dos japoneses, os animes são caracterizados como todo e qualquer tipo de animação, independentemente do local de onde surgiu (Alencar, 2010). Segundo Carvalho (2007):

Normalmente o anime é uma adaptação animada do mangá. Os animes apresentam características bastante distintas, com o uso de uma direção de arte ágil, enquadramentos ousados, muitos movimentos de cena, alguns quadros em animações gráficas em três dimensões. Existe uma abordagem de temas variados, como por exemplo, desenho infantil, aventura, ficção científica, romance, esportes, terror e muitos outros (Carvalho, 2007, p. 26).

Para fins de esclarecimento, o anime é definido como um produto cultural publicitário idealizado, *a priori*, para ser transmitido por um determinado meio de



comunicação, como TVs e cinema. Diante disso, Alencar (2010) afirma que, este tipo de conteúdo foi criado para “obedecer” às regras da indústria, precisando, assim, de um apoio técnico para que possa ser vinculado e exibido.

Ao se dar conta da dimensão comercial e econômica que os ganharam, automaticamente é possível refletir a função das emissoras de TV em todo esse processo. A televisão se torna, então, o meio de intermediação entre a animação e o público, não somente como um elemento transmissor, mas também, como promotor de novas formas de consumo.

Vale destacar também que as Revoluções Industriais e Tecnológicas têm grande influência no crescimento dos animes no panorama mundial. Assim, sua cultura e seus produtos não estão mais limitados a um determinado território, pois a globalização, com toda a diversidade cultural e sua acessibilidade, faz com que seu consumo ganhe cada vez mais força.

Alencar (2010) ainda esclarece que o mercado de *mangás* e animes, nos últimos dez anos, tornaram-se grandes produtos de fora do Brasil. Dentre os países dessa lista estão: Estados Unidos, França, Alemanha, e o próprio continente Asiático, especialmente China e Coreia do Sul. No Brasil, a chegada do anime seguiu os mesmos passos do padrão americano, na qual a TV era o seu principal transmissor. Tais produtos culturais japoneses buscam conquistar seu público, não só crianças, mas também seus pais, trazendo conteúdos menos agressivos para ganhar a aceitação, seja na vida social ou familiar.

Ainda no Brasil, os animes tiveram seu início com os *Tokusatsus* (termo japonês usado para filmes ou séries que utilizam fortes efeitos especiais) como *Ultraman*, *Lionman*, *National Kid*, *Jaspion*, entre outros grandes sucessos. A partir de então, o crescimento da chamada *cultura pop* foi imediato, garantindo assim seu espaço na década de 1990 com o anime *Saint Seiya* exibido na antiga TV Manchete, que marcou a televisão brasileira e a vida dos apreciadores de animações japonesas, o que tornou a série *Cavaleiros do Zodíaco* o grande “boom” de ascensão da cultura japonesa (Alencar, 2010).

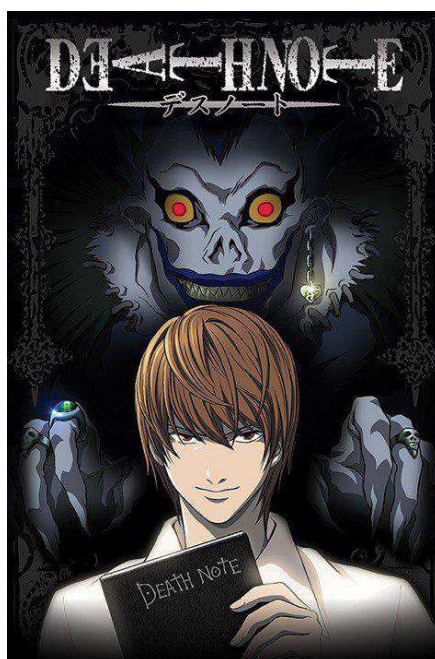
De acordo com Santana (2009):

Somente entre os anos 2000 e 2001, a TV brasileira contava com 34 animês e live actions em transmissão. Em 2005, nascia no país o canal pago Animax voltado exclusivamente para os desenhos animados japoneses. O primeiro mangá publicado em solo brasileiro foi Lobo

Solitário, em 1988. Por dez anos quase não se lançou mais nada, porém a virada aconteceu com o sucesso dos animes citados anteriormente. A editora Conrad lançou em 2000, os dois títulos e um ano depois a JBC entrou no mercado com mais quatro mangás. Em março de 2009 foi possível encontrar 135 títulos de mangás no mercado nacional publicados por quatro editoras (Santana, 2009, p. 09).

Outro anime de grande sucesso que merece destaque é a série de mangá japonesa *Death Note*, que foi escrita por Tsugami Ohba e ilustrada por Takeshi Obata, exibidos semanalmente na revista *Weekly Shōnen Jump*, entre 2003 até 2006, com um total de doze volumes lançados pela editora Shueisha. Já no Brasil, a série foi liberada e publicada pela editora JBC, apresentando duas versões, que também duas *light novels*, que é um termo em inglês usado com estrangeirismo no Japão, representando romances ilustrados (Silva, 2022). No anime, a autora busca trazer temáticas de mistério, investigação e suspense, evidenciadas de forma clara pelo pôster da série representado na Figura 1.

**Figura 1-** Poster da série japonesa *Death Note*.



Fonte: *Google Imagens*

A Figura 1 ilustra de forma evidente o poder e a influência que, tanto o caderno quanto o monstro têm sobre o jovem. Seu olhar demonstra a transformação ocorrida em sua personalidade com a posse do objeto, por outro lado, o monstro não

representa apenas seu lado sombrio e maligno, mas também a morte que o acompanha, e que se aproxima cada vez mais.

A série tem sua história centrada em Light Yagami, um jovem estudante universitário bastante inteligente, mas que leva uma rotina monótona com o mundo à sua volta. Sua vida muda completamente quando encontra um caderno misterioso esquecido no mundo dos humanos por um shinigami chamado Ryuuk (Silva, 2022).

O caderno, porém, não se trata de um objeto comum, pois ele dá o poder ao jovem Light Yagami de matar pessoas, sempre que o nome dela estiver escrito nele, o classificando como futuras vítimas. Com isso, Light percebe que com tal poder, pode dar fim às injustiças e à violência no mundo (Silva, 2022). Como enfatiza Neto (2011):

A partir de então, obcecado pela justiça, determinado a se tornar um deus, e cansado das estruturas sociais que o rodeiam, Raito passa a julgar criminosos japoneses fazendo-os sofrerem ataques cardíacos fulminantes. O crescente número de óbitos e a semelhança entre eles chama a atenção da polícia, que passa a ser pressionada por entidades internacionais para investigarem quem é o Kira - uma versão japonesa do léxico inglês killer – temendo que esse massacre se estenda para o resto do mundo. Surge-se assim um detetive renomado que se intitula L, uma atualização oriental do mito de Sherlock Holmes, que tão obcecado pela justiça quanto Raito, interessa-se no caso e inicia um jogo fascinante de deduções e investigações criminais, sarcasmo e intrigas, sob um filosófico clima de terror (Neto, 2011, p. 3).

O jovem então, se encontra em meio a uma vida dupla: filho exemplar e inteligente que ajuda a polícia nas investigações, e por outro lado, um justiceiro, a qual se autoneia *Kira*, que, de forma gradual, vai tendo sua mente corrompida pela sede de justiça e ideia de poder, ocasionando seu final trágico (Silva, 2022).

Não há dúvidas que Kira é um dos personagens mais polêmicos existentes na história no mundo dos animes, tendo em vista que ele foge da moralidade, e mergulha no seu próprio ego por “sede de justiça”, sem pensar nas consequências, trazendo assim, uma reflexão sobre o bem e o mal, certo e errado, herói ou vilão, até mesmo anti-herói (Miranda, 2016). Ainda de acordo com a autora:

Entre as definições de herói e vilão, vaga a definição do anti-herói. O anti-herói é a personagem que, assim como o herói, tem um apurado senso de justiça, todavia ele se utiliza dos meios errados para efetivar suas vontades, não se atendo às moralidades. Nesse sentido, o anti-herói não é, necessariamente, mau, é diferentemente do vilão, pois

suas intenções são boas, porém às vezes pratica atos moralmente reprováveis, chegando a matar seus inimigos, por exemplo (Miranda, 2016, p. 33).

Levando em consideração as definições de herói, vilão e anti-herói, nota-se que Light Yagami (ou Kira) utiliza de ações que vão contra a moralidade pública para concretizar seus objetivos, ou seja, o alcance da justiça. Por mais que o personagem queira lutar contra um sistema em que as leis favorecem os que tenham mais poder e influência, e que de certa forma tenha boas pretensões, este escolhe uma forma ilícita de “fazer justiça”, assassinando aqueles que, na sua visão, não são dignos de perdão e muito menos de viver.

#### **4.3 *William Wilson & Light Yagami: Uma análise da personalidade sombria dos personagens***

No conto, um jovem nascido de uma família nobre inicia sua narrativa apontando que não se considera digno de ser chamado pelo seu verdadeiro nome, por isso, prefere ser conhecido por William Wilson: “Meu nome não é William Wilson. Mas eu poderia usá-lo nessa história porque meu nome verdadeiro é tão conhecido, tão odiado em todos os cantos deste mundo” (Poe, 1839, p. 33).

Na narração, feita em primeira pessoa, o personagem começa fazendo uma exposição da escola onde estudou, situada na Inglaterra, local onde viveu a maior parte de sua infância: “A construção da escola era grande e antiga. Os jardins estavam fechados por uma parede alta com vidros quebrados no topo, como uma prisão” (Poe, 1839, p.33).

Em outro trecho, o narrador faz uma descrição do seu dia-dia na escola e dos sentimentos em relação aos ambientes que frequentava:

Mas no mundo real, os dias eram sempre iguais – nós acordamos, nós caminhamos no campo e brincamos no playground...Os playgrounds eram um lugar muito especial. Era um lugar onde amigos eram feitos e perdidos, um lugar sempre cheio de problemas e emoção (Poe, 1839, p.34).

Em seguida, o narrador começa a falar sobre um garoto com quem apresenta muitas semelhanças, e que, assim como ele, não gosta de seguir ordens:

Eu fui um tipo de garoto que gostava de dar ordens, não de recebê-las. Eu sempre queria ganhar todos os jogos, toda luta, e ser o primeiro em tudo. Todos os outros garotos, todos eles um pouco mais velhos do que eu, eram felizes em me seguir e me obedecer (Poe, 1839, p. 34).

Diante desse contexto, é possível perceber que o personagem apresenta uma grande busca por grandiosidade e admiração, evidenciada pelo alcance de obediência, seguidores, pelo prazer de ser destaque e de vitória excessiva. As características destacadas vão de encontro a um dos traços da Tríade Sombria da personalidade: o narcisismo. Silva *et al.*, (2022) faz alguns apontamentos sobre algumas das características da personalidade narcisista, reforçando que:

O narcisismo está diretamente ligado a vaidade e ao egocentrismo de um indivíduo, a autoconfiança, e em comportamentos que visam de forma geral um enaltecimento próprio, que quando não estando em equilíbrio, pode chegar a afetar o desenvolvimento próprio, das relações e da autoestima (Silva *et al.*, 2022, p. 3).

É perceptível que a autoconfiança é uma das principais características de William Wilson. A personalidade forte do personagem e o controle sobre as outras pessoas, ou seja, os seus seguidores, faz com que o mesmo se sinta no direito de fazer o que tudo o que deseja, mesmo que prejudique ou influencie de forma negativa o mundo ao seu redor.

Schargel (2020) aponta que não é impossível afirmar que o *doppelgänger* de William Wilson é uma revelação do seu superego que se manifesta como uma forma de controlar a si mesmo. Diante disso, o duplo de Wilson se trata da própria consciência do personagem. Em seguida, o narrador compartilha detalhes sobre o outro garoto, apontando características similares entre eles:

Todos os outros garotos, todos eles um pouco mais velhos do que eu, eram felizes em me seguir e me obedecer. Todos, exceto um. Seu nome era o mesmo que o meu, então eu poderia o chamar de William Wilson também. Nós não somos da mesma família, mas tínhamos o mesmo nome (Poe, 1839, p.34).

É iniciado, então, um conflito entre os dois, que se perpassa durante todo o conto. Diante desse conflito, percebe-se o incômodo do personagem com as atitudes do seu duplo:

Esse William Wilson recusava me obedecer. Ele discutia comigo, tanto na sala de aula quanto no playground, e tentava fazer os outros garotos pararem de me seguir. Na verdade, eu acho que fui o único garoto que percebeu o que ele estava fazendo (Poe, 1839, p. 34).

Eu estava com medo de que Wilson fosse mais forte do que eu era. Fiquei preocupado e zangado quando eu vi os outros garotos seguindo-o. Mas Wilson era sempre legal e calmo. Nada o abalava. Ele dava a impressão de querer apenas uma coisa: me ver assustado e infeliz (Poe, 1839, p.34).

Observamos nos dois trechos acima que, apesar de William Wilson se mostrar incomodado e aborrecido com o comportamento do seu sócia, ao mesmo tempo o personagem demonstra receio e medo do que ele poderia ser capaz de fazer para prejudicar e atrapalhar seus planos. É importante destacar, ainda, a dupla configuração entre ambos, pois, se de um lado existe um William Wilson que se apresentava irritado e furioso, por outro, existe um William Wilson que apresenta uma personalidade oposta, ou seja, um ser agradável e tranquilo.

Para Nazário (1999) essa configuração binária do personagem nos fornece elementos consistentes da sua duplicação em cada acontecimento da narrativa. Entretanto, essa duplicidade que não é constante, leva a um conflito que se torna evidente com o aparecimento do “segundo William Wilson”, e neste momento, o narrador sente-se incomodado com o nome do seu sócia, o que causa a sua dupla repetição. Ainda sobre tal conflito, o autor complementa:

O conflito entre os dois, por sua vez, estabelece uma linha divisória entre duas espécies de aparência: uma externa, outra interna. O mundo não é mais um simples reflexo da realidade no espelho; transforma-se em algo duvidoso e ambíguo. O que parece que é, realmente não é. Tanto que, no fim da narrativa, o narrador se engana ao pensar que aquilo que vê num espelho é mero reflexo, pois está se defrontando com seu duplo verdadeiro (Nazário, 1999, p.66).

Posteriormente, o narrador segue descrevendo suas inquietações e incômodos em relação ao outro William Wilson:

Eu sempre odiei meu nome, mas agora, eu odeio muito mais porque nós dois tínhamos nomes iguais. Eu o escutava duas vezes frequentemente. Existia algo que me preocupava profundamente: nós éramos semelhantes também. Nós tínhamos a mesma altura, éramos magros, e nossas faces eram parecidas. Pelo fato dos nossos nomes

serem iguais, eu soube que os outros garotos pensavam que éramos irmãos, mas ninguém percebeu que nós éramos parecidos. Mas Wilson percebeu e viu também que fiquei bravo com isso. Nada escapava dele. Ele sempre conhecia meus sentimentos mais profundos (Poe, 1839, p.36).

Para Benevides, as semelhanças entre os dois não param por aí, pois de acordo com ele:

Ambos, narrador e *espectro*, nasceram no mesmo dia, entraram para a mesma escola também no mesmo dia, parecem possuir o mesmo espírito mordaz, sagacidade acima da média e uma capacidade fora do comum de competir em todos os campos – dos estudos aos esportes. A rivalidade amplia-se quando se descobrem possuidores de outra característica comum, marca que ajuda a definir mais claramente a índole do personagem-narrador: a inteligência de ambos permite exercer forte influência sobre os intelectos mais frágeis. Isto tornaria possível conduzir o projeto de ludibriar, sobrepujar e levar vantagem em todas as circunstâncias da vida social, não fosse a atuação de William Wilson, este “outro” que chega para anular o narrador (Benevides, 2007, p. 1).

O narrador, subseqüentemente, continua descrevendo de forma mais detalhada as similaridades entre ele e seu sócia: “Depois, ele começava a se vestir como eu, e andar como eu. Felizmente, ele não conseguia falar alto como eu falo, mas quando ele sussurrava, o sussurro dele era igual ao meu” (Poe, 1839, p. 37).

Em seguida, o protagonista se mostra chateado e perplexo com as semelhanças que apresentava com seu duplo, além de ser o único a enxergar tudo o que estava acontecendo:

Todas essas coisas me perturbavam profundamente. Eu conseguia ver que o Wilson apreciava me irritar, e ele ria de mim secretamente. Estranhamente, os outros garotos nunca percebiam como ele se divertia comigo e me copiava em tudo. Eu era o único que percebia (Poe, 1839, p. 36).

As similaridades entre o personagem e seu duplo são a maior causa de sua fúria, pois Wilson apresentava um status de supremacia e autoridade, se vendo ameaçado no momento em que seu sócia começa a interferir na sua vida social.

Para Shargel (2020) é possível refletir sobre as particularidades e similaridades entre os personagens desde o princípio da narrativa:

Logo nas primeiras páginas o leitor já percebe que há algo de estranho e peculiar naquela semelhança entre o protagonista e a misteriosa pessoa que possui o mesmo nome. E não apenas o nome, mas características psicológicas parecidas, como a competitividade, o que frustra intensamente o protagonista, que em seu desejo por ser “superior” a seus demais colegas, acaba por ver-se limitado apenas por sua própria consciência na figura de um duplo (Schargel, 2020, p.109).

O narrador segue descrevendo alguns acontecimentos na qual vem à tona sua fúria, expondo seu lado mais sombrio.

Mas naquela noite, quando todos estavam dormindo, eu saí da cama. Eu caminhei através do prédio escuro com uma pequena lanterna nas mãos, até que cheguei no quarto de Wilson. Eu deixei a lanterna do lado de fora e cheguei mais perto de sua cama. Sim, ele estava dormindo. Eu retornei com minha lanterna e voltei a me aproximar da cama dele. Eu tinha planejado fazer algo cruel para ele enquanto ele dormia. Mas, eu olhei aquele garoto dormindo, meu coração bateu mais forte e fiquei com medo (Poe, 1839, p.38).

Meus amigos permaneceram ao meu redor em um círculo e me olharam silenciosamente. Mr. Preston pegou a capa do chão, e disse: ‘Essa é sua capa. Eu espero que você saia do quarto, e saia de Oxford imediatamente’. Eu queria bater muito nele, mas algo me impediu (Poe, 1839, p.44).

Nos dois trechos apresentados acima, nota-se que o homônimo de William Wilson o impede de realizar certas ações ditas cruéis, fugindo, portanto, da personalidade tradicional de outros espectros do *doppelgänger*, conforme explica Indrusiak e Oliveira (2022):

Apesar de sua natureza obscura, o duplo não é responsável por atos vis ou inclinações cruéis. Pelo contrário, a batalha entre Wilson e seu duplo é causada pela tentativa do duplo de denunciar os crimes e desvios do narrador e pôr um fim à sua devassidão (Indrusiak; Oliveira, 2022, p.287).

Ainda abordando sobre as tentativas do duplo de William Wilson de impedir suas maldades, Benevides (2007) ressalta que:

Ele é a causa de seu desespero, existe apenas para impedi-lo de agir guiado por seu mau-caráter, restabelecendo o equilíbrio de suas relações com as outras pessoas. Se Wilson é dotado da mesma



capacidade, ele opera efeito contrário, anulando os atos desse protagonista *sem nome* (Benevides, 2007, p. 2).

O personagem, então, começa a ser perseguido pelo seu duplo em suas viagens, na tentativa de fuga de tudo que estava acontecendo:

Mas a má sorte viajou comigo. Na verdade, eu percebi que meus problemas em Oxford estavam apenas começando. Logo depois que cheguei em Paris, eu encontrei William Wilson novamente. Lá, também, ele destruiu minhas más esperanças. Todo lugar que eu ia, ano após ano, ele aparecia como um fantasma, e se intrometia entre mim e meus planos. Em Roma ele me impediu de fazer o que eu queria. Em Viena, também. Em Berlin, em Moscou... Eu ia de cidade em cidade, tentando escapar dele, mas eu não conseguia me livrar. Eu não conseguia ficar sozinho. Ele me seguia por todos os lugares (Poe, 1839, p. 44).

Novamente eu me pergunto. 'Quem é ele? De onde ele veio? O que ele quer de mim?' Mas não conseguia encontrar nenhuma resposta. Eu pensei profundamente todas as vezes em que o via. Em toda cidade, eu percebia, Wilson tinha feito a mesma coisa. Ele não parava meus planos o tempo todo, mas apenas quando eles eram maldosos e perigosos (Poe, 1839, p. 44).

O ápice do conto se passa, então, no momento em que o personagem começa a ficar face a face com seu sócia, revelando, portanto, sua verdadeira identidade. A descoberta acontece em uma festa na qual o narrador a descreve detalhadamente:

Em uma certa noite, eu estava em Roma e fui convidado para a uma grande festa no palácio do Duque Di Broglio. O duque era velho e chato, mas sua esposa era jovem, bela, e não muito sensível. Eu tinha planos malignos para ela. Ela e eu tínhamos concordado em nos conhecermos durante a festa, em uma sala silenciosa onde nós conseguiríamos ficar sozinhos. Como eu caminhava de sala em sala olhando para ela na multidão, eu, de repente, senti uma mão tocar meu braço. Eu escutei um sussurro nos meus ouvidos (Poe, 1839, p.46-47).

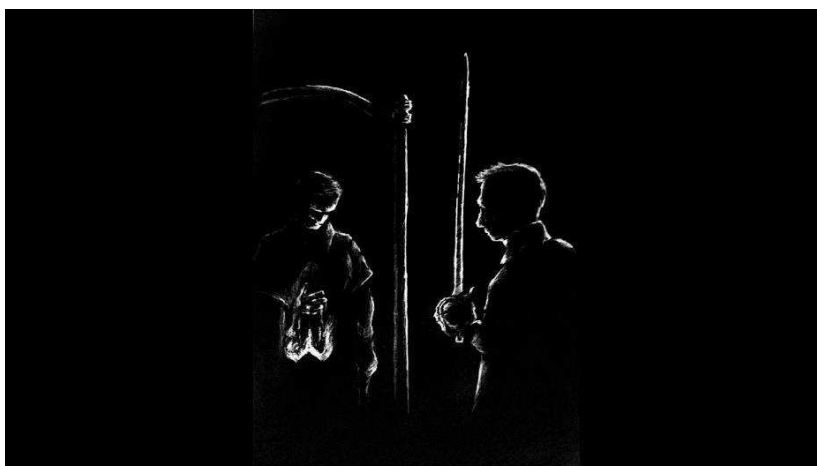
Com raiva eu me virei e vi um homem. Ele estava vestido na mesma roupa que eu, mas seu rosto estava coberto uma máscara preta. Eu o peguei pelo braço e disse 'Pare!'. Eu gritei. 'Eu tive problemas suficientes com você! Essa é última vez que você me seguirá! Venha comigo para dentro dessa sala. Se você recusar, eu posso matar você agora, aqui onde você está!' (Poe, 1839, p. 48).

Os dois então, iniciam uma luta, mas, em certo momento, William Wilson percebe a tentativa de alguém batendo à porta e corre apressadamente para conferir. Nesse intervalo, o personagem nota algo diferente na sala em que se encontrava, sendo desmascarado, portanto, o rosto do seu inimigo através de um espelho.

Nesse momento alguém tentou abrir a porta. Eu corri para verificar e corri de volta ao meu inimigo. Como eu descrevo o que eu vi naquele momento? Durante poucos segundos quando eu retornei da porta, a sala estava estranhamente diferente. Agora estava grande. Eu tinha certeza de que não estava lá antes. Enquanto me aproximava do espelho, eu vi eu mesmo, andando trêmulo, meu rosto pálido e coberto com sangue (Poe, 1839, p.48).

Neste momento, portanto, é feita a revelação da verdadeira identidade de William Wilson, como demonstra a Figura 2.

**Figura 2** - Revelação da identidade de William Wilson.



Fonte: *Google Imagens*

Sua máscara e sua capa caíram no chão. Seu rosto agora estava descoberto. Eu vi, espantado, que o rosto dele era o meu! Wilson falou, mas não um sussurro longo, e eu pensei ouvir minha própria voz falando quando ele disse: 'Você venceu, e eu perdi. Mas, neste momento, você também está morto- morto para o mundo, para o paraíso, e para a esperança! Você viveu em mim, e na minha morte. Olhe para o meu rosto, que é o seu, e veja como assassinou a si mesmo (Poe, 1839, p.48).

Na Figura 2, o homônimo de William Wilson finalmente se revela. A escuridão representada na imagem pode se refletir no impacto sentido pelo protagonista no

momento que viu seu próprio rosto no espelho, ou seja, a extasia do personagem ao perceber que se tratava de sua cópia exposta.

Ao final do conto, Wilson toma a iniciativa de matar seu sócio, entretanto, ao se ver refletido no espelho percebe que assassinou a si mesmo. Em seu discurso final, o duplo utiliza palavras de impacto para descrever o trágico fim que estava se desenrolando, como apresentado na Figura 3.

**Figura 3** - A morte de William Wilson.



Fonte. *Google Imagens*

Nas duas imagens ilustradas acima nota-se que o espelho é o objeto central para o clímax e desfecho da narrativa. O espelho retrata o divisor de águas no momento da revelação de sua verdadeira identidade e também da sua morte.

Para Carvalho (2016) o espelho representa uma radicalização tanto de uma perturbação emocional enganosa, ou seja, o seu duplo, quanto das máscaras, e ainda completa que: “é interessante notar a vertigem causada pelo jogo de espelhos, que deforma a imagem do protagonista, sua suposta identidade e torna ainda mais paradoxal o confronto com o duplo” (Carvalho, 2016, p. 12).

Ainda seguindo as nuances da personalidade sombria, outro personagem se destaca no que diz respeito a encarar as consequências de suas ações. Trata-se de

Light Yagami, personagem principal da série japonesa *Death Note*, um jovem belo e muito inteligente, que, como abordado anteriormente, leva uma vida aparentemente normal, entretanto, tudo muda a partir do momento em que encontra o “Caderno da Morte”.

Diferentemente de William Wilson, em que seu próprio “eu” tenta frear suas atitudes maldosas, Light Yagami pratica seus atos violentos após ter conhecimento do poder do objeto (caderno) além de ser manipulado mentalmente por Ryuuk, dono do mesmo, o que acaba o influenciando a cometer os crimes. É importante destacar ainda que, ao praticar os assassinatos, o personagem cria uma ideia fixa de que, por meio da morte dessas pessoas estaria fazendo a justiça, criando uma espécie de “novo mundo” em que todos poderiam viver tranquilamente.

Silva *et al.* (2018) comenta sobre o personagem, destacando que:

As crises existenciais e a culpa de Light Yagami, no entanto, não duram muito, quase nada. Ele é um estudante exemplar, o primeiro em sua turma, motivo de orgulho para sua família e admirado pela sociedade. Encontra o Death Note, mesmo duvidando de sua eficácia receia em testá-lo, pois isso o tornaria um assassino, entretanto ao ver no noticiário um criminoso mantendo crianças reféns, escreve seu nome, este homem morre como o previsto, um ataque cardíaco (Silva *et al.*, 2018, p. 6).

É possível refletir, portanto, sobre as duas facetas de Light Yagami. A primeira se caracteriza como um jovem comum, mas que leva consigo uma crise existencial pela ausência de justiça em seu país, e a segunda é caracterizada pelas mudanças ocorridas em suas ações e atitudes com o uso do caderno, o que culmina na alteração de sua personalidade.

A seguir, analisaremos alguns discursos do personagem na série em que se evidencia a mudança de personalidade também influenciada por Ryuuk, como demonstra a Figura 4.

**Figura 4** - Light Yagami e Ryuuk.



Fonte: *Google* Imagens

Na Figura 4, percebe-se que o monstro shinigami (Ryuuk) representa o “duplo” de Light Yagami, pois este, além de o acompanhar durante grande parte da série, é testemunha e algoz psicológico do personagem, que muitas vezes o incentiva na prática dos assassinatos.

Nos dois primeiros trechos apresentados a seguir, Light reforça seu desejo por justiça e por um mundo perfeito em que ele se tornará um salvador: “Eu serei o Deus do novo mundo!” (Yagami, 2006). “Ouça isso: eu não sou apenas o Kira, mas também o DEUS do novo mundo!” (Yagami, 2006).

Maligno? Eu sou a justiça! Sou o homem que salvará os oprimidos e serei o Deus de um novo mundo, um mundo ideal! Aqueles que se opõem a Deus, esses sim são malignos (Yagami, 2006).

Nos discursos de Light apresentados acima, a ambição e o egocentrismo do protagonista ficam cada vez mais evidentes. A sede de poder e a busca incansável pelo triunfo fazem com que o personagem se torne um ser de personalidade fria e rancorosa, fazendo com que o mesmo utilize o caderno incessantemente, como representado na Figura 5.

**Figura 5** - Kira escrevendo no Death Note.



Fonte: *Google Imagens*

É importante destacar que, no princípio, Light Yagami fica receoso sobre os poderes do objeto, e para “testar” se de fato o caderno executava o que estava instruído, escreve o nome de um criminoso após saber que este estava mantendo pessoas reféns. Sobre o poder do caderno, Silva *et al.* (2018) aponta que:

Comprovada a eficácia daquele caderno, Light decide ser o arauto do novo mundo, pois somente ele seria capaz de purificar o mundo, dedicando a esse propósito seu corpo, mente e alma. Após cinco dias com a posse do Death Note matou (ele usa o termo eliminar, mostrando a forma cartesiana que o mesmo encara suas vítimas, se equiparando a eliminar uma doença para que curar) os criminosos mais perigosos do mundo, todos de parada cardíaca, com o intuito de “vou fazer com que o mundo saiba da minha existência, todos saberão que existe alguém que faz justiça” (Silva *et al.*, 2018, p. 6).

Destacando agora as semelhanças de personalidade entre William Wilson e Light Yagami, é possível perceber em Kira características narcisistas, assim como no personagem do conto. Light apresenta uma autoestima supostamente elevada, fazendo com que se considere como uma espécie de justiceiro, podendo julgar e determinar quem merece viver e morrer, além de ser extremamente inteligente e calculista. Pode-se notar, ainda, a busca do personagem por poder e reconhecimento, como se fosse um “Deus”, crendo que pode ser o único capaz de mudar o mundo e torná-lo um lugar melhor, como demonstram os trechos a seguir: “Esse mundo está podre, e quem apodreceu junto com ele deve morrer!” (Yagami, 2006). “Vejo todas

essas pessoas... começo a achar que o mundo seria melhor sem elas.” (Yagami, 2006).

O desejo de Light, evidenciado pelos seus discursos, se justifica pelo seu sentimento frente a todo o contexto vivido no Japão, onde a corrupção, a violência, o crime organizado e o crescente número de delitos o fazem desacreditar das leis e da verdadeira justiça. Nas figuras apresentadas abaixo, é perceptível que o personagem atinge seu auge de insanidade, acreditando que todos o aclamaram após concluir seus assassinatos e atingir seu principal objetivo: ser um novo Deus.

**Figura 6** - Light em seu momento triunfante.



Fonte: Oliveira e Bastos, 2018.

Na Figura 6, Light Yagami exalta seu momento de glória quando suas ações ganham o destaque da mídia local e internacional. Ainda sem revelar sua identidade, ou seja, que ele é o verdadeiro Kira, ele enaltece a atitude da população americana de o reverenciar como se fosse um salvador.

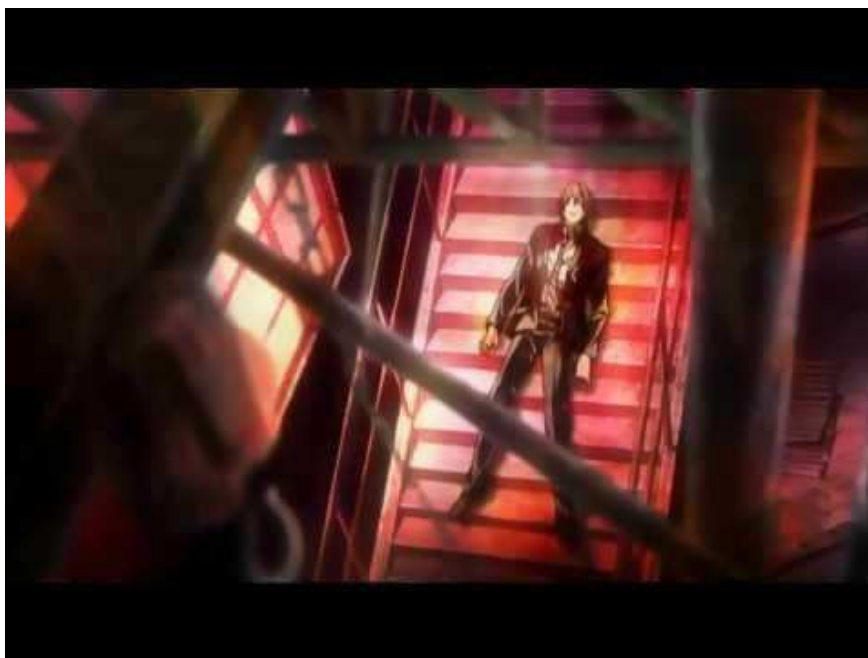
**Figura 7** - Light Yagami em seu momento de êxtase.



Fonte: *Google Imagens*.

Na Figura 7, é notório a transformação do protagonista e de sua personalidade, o que concretiza seu duplo espectro. É importante destacar também que, assim como William Wilson, Light Yagami tem um final trágico, sendo um dos momentos mais marcantes da história.

**Figura 8** - Morte de Light Yagami



Fonte: *Google* Imagens

Assim como o desfecho fúnebre de William Wilson, a morte de Light Yagami (Kira) nos direciona a uma reflexão sobre causas e consequências, bem como o poder e o domínio que a mente pode obter sobre nós. A busca incessante pelo que desejamos muitas vezes pode se tornar uma armadilha, abrindo portas para o bem ou para mal, especialmente quando esse alcance de desejos envolve outras pessoas.

Os personagens trabalhados são exemplos de que nossos pensamentos e ações podem ser traiçoeiros, e quando estes nos levam a praticar atitudes que não vão de acordo com as leis, a ética e a moralidade, pode-se haver consequências que, na sua maioria, são difíceis de reverter.



## 5 CONCLUSÃO

É inegável a relevância e o crescimento da literatura comparada nas últimas décadas, pois cada vez mais esse tipo de estudo vem ganhando seu espaço em diversos cantos do mundo, inclusive no Brasil. Os estudos comparados nos permitem um conhecimento maior sobre alguns aspectos e perspectivas da sociedade, além de estimular uma reflexão acerca de temas culturais, sociais, políticos, históricos, dentre outros.

Quando falamos em estudos comparados, a literatura surge como uma forma de abrir nossos olhares para determinados assuntos que muitas vezes não são explorados com muita frequência e que necessitam de uma abordagem maior, especialmente nos dias atuais.

Uma das temáticas que com certeza merecem uma exploração maior está relacionada aos estudos sobre a personalidade, especialmente de personagens literários, de filmes e séries. Quando essa personalidade está voltada para o lado mais sombrio, podemos ter uma percepção mais profunda sobre o bem e o mal, bem como o comportamento humano frente a certas situações. Vale destacar, também, que esses estudos permitem uma análise sobre as motivações que levaram esses personagens a agirem de determinada forma, muitas vezes excedendo os limites éticos e morais, e o que está por trás desses comportamentos.

Na literatura ou na cinematografia, personagens com esse tipo de personalidade são, na maioria das vezes, representados como anti-heróis, tendo como intuito principal a dominação do mundo e a busca de poder, o que desperta maior interesse e curiosidade, seja leitor ou telespectador.

Ao longo dos anos, muitas obras voltadas a temáticas sobre personalidade foram surgindo, trazendo personagens com características mais macabras, como as já citadas anteriormente *Almas Mortas* (1842) de Gogol, *Querelle De Brest* (1947) de Genet, dentre muitas outras.

Outro autor que retrata a personalidade sombria de uma forma magistral é Edgar Allan Poe, pois além dos personagens, Poe trazia nos cenários de seus contos elementos que contribuem no contexto de suas histórias.

A personalidade sombria e o duplo se tornaram alvo de estudos ao longo das décadas, como uma tentativa de explorar a natureza humana. Com isso, surgiu o mito do “*doppelgänger*”, criado por Jean Poul. Esse termo é utilizado para se referir a um

sósia não-biológico ou um irmão gêmeo de personalidade maligna, podendo ser um fenômeno real ou ilusório.

Edgar Allan Poe expõe muito bem esse tema no seu conto *William Wilson* (1939), em que o personagem principal enfrenta uma “guerra” pessoal com seu *doppelgänger*, que recebe o mesmo título da obra. William Wilson, ao longo da história, tenta pôr em prática seus planos malignos, entretanto, é impedido pelo seu “duplo eu”, causando a fúria do mesmo, e como consequência, com o seu trágico fim.

Assim como William Wilson, Light Yagami também tem um final trágico em *Death Note* após cometer uma série de assassinatos. Em vida, o personagem busca fazer justiça com as próprias mãos inconformado com a ineficácia do sistema jurídico e com as leis do Japão.

A personalidade sombria dos dois personagens está centrada no fato de que ambos buscam reconhecimento, exaltação e poder, não medindo esforços para conseguir o que desejam, mesmo que isso signifique passar por cima de outras pessoas, ou até mesmo eliminá-las para alcançar seus objetivos. Essas características são pertinentes a um conjunto de traços que são opostos a personalidade dita “normal” conhecida como Tríade Sombria.

A Tríade Sombria da Personalidade é formada pelo maquiavelismo, psicopatia e narcisismo, e a junção desses três traços ocasiona sentimentos sombrios, como a ausência de empatia, frieza e a raiva, entretanto, cada um dos traços citados acima apresenta suas características e peculiaridades.

No caso de William Wilson, o personagem revela-se uma pessoa totalmente autoritária, que não aceita derrotas, ordens ou intimidações. Estes sentimentos opostos eram dirigidos ao seu duplo, que se negava a obedecê-lo, sempre impedindo-o de realizar o que desejava, atrapalhando seus planos e fazendo-o sentir-se amedrontado. O fato de Wilson ser perseguido pelo seu ‘outro eu’ e de este interferir em suas estratégias o deixa extremamente irritado, a ponto de querer confrontá-lo. No momento em que percebe que o ‘outro eu’ era, na verdade, a sua própria imagem refletida no espelho, ele acaba causando sua própria morte.

Em relação a Light Yagami, nota-se também a constante busca por privilégios, poder e triunfo, porém, fica nítido que o personagem se sente um “herói”, se autodenominando como um “Deus”, capaz de resolver todos os problemas que há no mundo (corrupção, crimes, violência).

Como abordado anteriormente, as atitudes apresentadas pelos personagens se encaixam no traço narcisista da Tríade Sombria da Personalidade, como a necessidade de admiração, superioridade e exaltação da autoestima. Outra característica importante sobre o narcisismo é que pessoas com esse tipo de personalidade não gostam de se sentir ameaçadas ou confrontadas, do contrário, podem se tornar violentas e agressivas, o que corrobora com os personagens trabalhados.

Diante de todo o exposto, pode-se concluir sobre a importância e relevância dos estudos acerca da temática, especialmente no mundo literário. Tais estudos são uma porta de entrada para reflexão sobre a conduta humana e os limites do ser humano. A que ponto ele pode chegar para conseguir o que almeja? A que ponto a personalidade humana pode influenciar as vontades do homem?

Que o presente trabalho possa servir de inspiração para outros estudos na área, especialmente de Letras.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M. **Produção de Texto**. Interlocução e Gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.
- ACOSTA, J. C. A perversidade na literatura de Edgar Allan Poe: um ambiente de terminologias científicas. **Cadernos do IL**, n. 56, p. 10-23, 2018.
- ALENCAR, Thiago Lopes de. **O anime**: públicos consumo e modo de apropriações culturais. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2010.
- BELLIN, G. **Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção**. Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária, v. 16, n. 2, p. 41-53, 2011.
- BENEVIDES, R. O outro ou eu mesmo? A representação do duplo em William Wilson. **Revista Comum**. v.12, 2007.
- BERNARDINO, N. **Análise do gênero conto na obra William Wilson de Edgar Allan Poe**. Monografia- Curso de Letras- Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Brasília, 2013
- CUNHA, M.V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.
- DA SILVA, A. G. **Tríade sombria da personalidade e as relações sociais**: estudos exploratórios, 2017.
- DA SILVA, M. C. V *et al.* Transtorno da personalidade narcisista: uma reflexão da conduta materna narcisista no desenvolvimento do filho. **Revista Científica Novas Configurações: Diálogos Plurais**, v. 3, n. 3, p. 11-30, 2023.
- D'AGORD, M. R. L et al. O duplo como fenômeno psíquico. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 16, p. 475-488, 2013.
- DE MOURA FÉ, N. Transtornos de personalidade na literatura. **Diálogos Interdisciplinares em Psiquiatria e Saúde Mental**, v. 1, n. 1, p. 2-7, 2021.
- DE OLIVEIRA, M. P et al. Revisão das produções sobre tríade sombria da personalidade no Brasil. **Revista Científica UMC**, v. 8, n. 2, 2023.
- DE OLIVEIRA, Marly Amarilha. Quatro variações sobre o tema do duplo: Poe, Stevenson, Conrad e Rubião. **Travessia**, v. 5, n. 12, p. 184-195, 1986.
- DE PAIVA, I. P. Tensões Psicológicas e o Duplo em William Wilson e A Queda da Casa de Usher, de Edgar Allan Poe. **Porto das Letras**, v. 6, n. 2, p. 266-295, 2020.
- ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. Chicago. University of chicago, 1990.

FERRAZ, M. C. F; CARVALHO, L. F. Duplo, imagem e reino do simulacro: "*William Wilson*" de Edgar Allan Poe. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v.19, n.1, jan/abr, 2016.

FIGUEIREDO, E.; FAEDRICH. A. **Literatura Comparada**. Volume único. Rio de Janeiro, 2016.

GOUVEIA, V. V et al. Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dozen **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 50, n. 3, 2016.

INDRUSIAK, E. B; OLIVEIRA, A. L. A infamiliar perversidade de William Wilson. **Revista de Letras Norte@mentos**. Sinop, MT. Vol. 15, n. 38, p. 271-291, 2022.

LIGOSKI, P. **William Wilson: no espelho D'a filosofia da composição**. Rio Grande do Sul, 2013.

MACHADO, N.M. **Literatura Comparada**. Rio de Janeiro, 2009.

MOTA, E. C. William Wilson e o Homem Duplicado: William Wilson in Saramago's *The Double*. **Travessias Interativas**, n. 1, p. 14-31, 2011.

NAZARIO, J. F. A dupla configuração do texto:" William Wilson" de EA Poe. Fragmentos: **Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, v. 17, 1999.

NETO, G. S. **Correntes, maçãs e shinigamis: O imaginário do medo em Death Note**. 2011.

OLIVEIRA, A. M; BASTOS, R. A. A Justiça de Kira: representações da justiça distorcida no anime death note a partir da teoria da audiovisual. **Palíndromo**, v. 8, n. 16, p. 035-050, 2016.

OLIVEIRA, E. *et al.* **Triáde sombria, corrupção e punição**. Programa de Iniciação Científica-PIC UniCEUB: Relatórios de Pesquisa, 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. O eu e sua dualidade: uma releitura de O duplo, de Dostoiévski. **Revista de Literatura e Cultura Russa**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 20, p. 281-300, 2021.

PEREIRA, M. L. O duplo: um espectro no caminho de William Wilson. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, v. 2, n. 1, p. 31-45, 2015.

RUSSELL, Paul March. **The short story: An introduction**. Edinburgh University Press Ltd 22 George Square, Edinburgh 2009.

SANTANA, G. A cultura pop japonesa no contexto da cibercultura. **Simpósio Nacional ABCiber**, v. 3, p. 16-17, 2009

SCHARGEL, S. O duplo como mito, o duplo como ficção: um debate acerca das construções da figura do doppelgänger. **Revista Decifrar**, v. 8, n. 15, p. 104-119, 2020.

SCHARGEL, Sergio. Uma breve reflexão acerca do doppelgänger na literatura: Colocando Dostoiévski e Saramago em diálogo. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 21, n. 3, p. 62-77, 2021.

SCHMALTZ, E. B. **Personalidade no Behaviorismo radical**. Monografia- Curso de Psicologia - Faculdade de Ciências da Saúde. Brasília, 2005.

SILVA, A.G *et al.* **Eu sou a justiça**: a mentalidade fascista de Death Note (2003), 2018.